

## **PROFESSORES, ALUNOS E LIVROS DIDÁTICOS NAS CORRESPONDÊNCIAS DA EDITORA COMPANHIA NACIONAL**

José Cássio Másculo – PUC-SP

A professora Bernadete<sup>1</sup> há muito tempo pensava em escrever à Companhia Editora Nacional para solicitar alguns livros didáticos, mas, talvez impedida pela correria dos afazeres, adia tal decisão. Porém, no dia 14 de fevereiro de 1975, movida pela necessidade de ter novos materiais didáticos para trabalhar com seus alunos, foi até o correio de sua cidade, Buriti-MA, e escreveu uma carta pedindo “ajuda” à editora: solicitou quatro volumes de *Matemática Moderna do 1º grau* “com o autor mais atualizado da editora”.

Com objetivos semelhantes aos da professora Bernadete, muitos professores de cidades distantes de São Paulo ou de uma das filiais da Companhia Editora Nacional conseguiram um tempo, entre provas e aulas, para escrever à editora solicitando um livro didático de sua disciplina. Alguns desses professores não se limitaram em solicitar, preocuparam-se em justificar o pedido de um exemplar que a editora oferecia gratuitamente como propaganda, ou agradecer a remessa dos livros ou, ainda, elogiar a qualidade dos materiais didáticos, estabelecendo, assim, uma relação para além das questões comerciais. Em alguns casos, essa relação chegava a provocar ciúmes em professoras que descobriam que uma de suas amigas havia recebido livros novos:

[...] os mesmos foram enviados a uma colega e os apreciei muito, pois leciono Português, Literatura Brasileira e Redação no 2º e 3º anos do 2º grau da Escola “Vicente Dutra” em Júlio de Castilhos no Rio Grande do Sul, e fiquei muito sentida com esta editora que tanto gosto e trabalho, por terem de mim esquecido [...]².

Outros professores também ficaram desapontados por terem sido esquecidos pela editora, como o professor Antonio, que assim se manifestou: “fiquei e estou muito decepcionado com o fato da ‘Companhia Editora Nacional’ ter deixado essa falha para

---

<sup>1</sup> O conjunto documental utilizado neste trabalho é formado por correspondências de professores enviadas à Companhia Editora Nacional, no período de 1970 a 1980, solicitando exemplares de livros didáticos. Optei por citar apenas o primeiro nome do remetente, localidade e data da correspondência para preservar a identidade dos professores, uma vez que não era esse o objetivo da pesquisa.

<sup>2</sup> Carta da professora Clarice, Júlio de Castilhos - RS, 16/4/1979.

comigo, que sempre dei muitos lucros aos srs.”<sup>3</sup>. Diante dessa carta, o editor responsável escreveu à filial do Rio de Janeiro determinando que se providenciasse “um contato pessoal com o professor a fim de não estremecer nossas relações”<sup>4</sup>.

Cartas como as mencionadas acima, escritas com carinho ou na correria do dia-a-dia, à mão ou datilografadas, extensas ou lacônicas, juntamente com outras tantas cartas de professores que, cientes da distribuição de livros promocionais pelas editoras, limitaram-se a solicitar um exemplar sem maiores comentários,<sup>5</sup> foram se acumulando no arquivo da Companhia Editora Nacional e atualmente compõem parte do acervo histórico da editora<sup>6</sup>.

Recentemente tive oportunidade de consultar esse acervo e selecionar 384 cartas que mencionavam algum motivo para a solicitação do exemplar de um livro (aproximadamente 25% das correspondências de professores). Trata-se de cartas postadas nos mais diferentes pontos do país (Alagoas, Amazonas, Espírito Santo, Maranhão, Minas Gerais, Pará, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo e Tocantins), por professores de quase todas as disciplinas e das mais variadas séries escolares. Estava diante de uma documentação que, se por um lado não me permitia grandes generalizações, por outro trazia a fala de personagens que aguçavam minha imaginação: era como se pudesse ver a professora Maria, da cidade de Gaspar, escolhendo um belo papel de carta florido, pensando na editora com carinho, agradecendo o livro recebido:

Prezados Senhores: Recebi a coleção: “Hora de Comunicação” de Domingos Paschoal Cegalla. Muito obrigada. Podeis estar certos que estes livros estarão enriquecendo minhas aulas [...]”<sup>7</sup>.

Percebi que, se não era possível tirar conclusões abrangentes sobre os livros didáticos ou sobre os professores, poderia agrupar algumas pistas deixadas por esses profissionais sobre os livros didáticos que eles solicitaram à Companhia Editora Nacional entre os anos de 1970 e 1980. Organizei, então, as correspondências em dois grupos: um conjunto de cartas onde era possível identificar por que o professor estava solicitando um

---

<sup>3</sup> Carta do professor Antonio, Rio de Janeiro, 21/06/1979.

<sup>4</sup> Carta do professor Antonio, Rio de Janeiro, 21/06/1979.

<sup>5</sup> Em aproximadamente 75% das cartas, os dados limitam-se ao nome do professor, da escola em que trabalhava, a disciplina que lecionava e o livro que desejava receber.

<sup>6</sup> Atualmente a IBEP - Companhia Editora Nacional conta com um projeto de recuperação e preservação de seu acervo histórico sob coordenação da Professora Doutora Maria Rita Toledo. Nesse projeto, estão sendo organizados e catalogados exemplares de livros didáticos publicados ao longo da existência da editora e documentos de seu “arquivo morto”. Dentre esses documentos, encontram-se cartas recebidas pela editora, cuja maioria refere-se à solicitação de livros didáticos por parte de professores.

<sup>7</sup> Carta da professora Maria, Gaspar – RS, 02/04/1979.

determinado livro (237 correspondências)<sup>8</sup> e um segundo grupo de correspondências nas quais era mencionada, direta ou indiretamente, a forma como os livros recebidos seriam utilizados (147 correspondências).

Do primeiro grupo de cartas, verifiquei que poucos professores ainda não conheciam o livro didático que estavam solicitando: 21 solicitaram o livro para análise e posterior adoção; 13 “precisavam” de um livro de sua área de ensino, aceitando de bom grado qualquer um que a editora pudesse lhes oferecer, como ocorreu com a professora Maria: “Sou professora recém-formada e a escola onde leciono deixou a escolha dos livros a critério dos professores. Por não ter experiência, estou tendo dificuldades na escolha dos livros...”<sup>9</sup>; 5 professores, a exemplo da professora Rosa, viram propaganda dos livros da Companhia Editora Nacional na *Revista Manchete*, recortaram o cupom, preencheram-no com seus dados e o enviaram a editora pedindo um dos livros que, até aquele momento, só tinham visto em uma foto na revista de variedades; e 1 professor escolheu o livro através do catálogo da editora.

No entanto, a maioria dos professores que apresentaram motivos para a solicitação do livro didático já tinha tido algum tipo de contato com o livro: de um conjunto de 237 cartas, 65 diziam ter conhecido o livro através de outro professor, como relata a professora Marlene:

Em conversa com minhas colegas de trabalho, notei o entusiasmo que elas estavam e o bom andamento de suas atividades, depois que receberam exemplares de sua editora [...] Tomando conhecimento que essas obras são maravilhosas, gostaria muito de possuí-las<sup>10</sup>.

Dezoito professores conheceram previamente algum exemplar da coleção didática e, na ocasião do pedido, manifestaram o desejo de possuir aqueles livros. Foi o caso da professora Ilma, que escreveu à editora indagando se Sérgio Buarque de Holanda possuía também livros de História Geral, uma vez que, tendo lido os dois volumes de *História do Brasil*, apreciara muito;<sup>11</sup> 28 professores já haviam utilizado o livro solicitado com seus alunos e obtido “bons resultados”, “boa aceitação por parte dos alunos” ou conseguiu “atender às necessidades dos alunos” com “facilidade de assimilação”, como aconteceu

---

<sup>8</sup> Dez cartas apresentavam mais de um motivo para a escolha de um mesmo livro. Dessa forma, a soma de todos os motivos totaliza 247.

<sup>9</sup> Carta da professora Maria, Rio de Janeiro - RJ, março, 1979.

<sup>10</sup> Carta da professora Marlene, Santa Maria Madalena - RJ, 06/04/1978.

<sup>11</sup> Carta da professora Ilma, Petrópolis - RJ, 25/6/79.

com a professora Lina: “terminei o ano com muito êxito, a editora está de parabéns, este livro atende a todos os requisitos, a aceitação foi mesmo fora de série”;<sup>12</sup> 24 professores já tinham usado algum exemplar de uma determinada coleção, gostaram e, na carta, pediram o restante da coleção: “há muito utilizo-me do novo livro para 7ª série (*História da América*) e por isso gostaria de receber exemplares previstos para outras séries...”<sup>13</sup>.

Desse conjunto de motivos apresentados anteriormente, chama a atenção a troca de experiências sobre livros didáticos entre professores de uma mesma escola, sobretudo nos anos de 1978, 1979 e 1980 (25% dos motivos de solicitação de livros). Quando se separam as cartas pelas cidades de origem, por exemplo, observa-se que 16 cartas de Santa Maria – RS solicitavam livros para formação de bibliotecas escolares. Uma dessas cartas revela o motivo de pedidos tão semelhantes:

Soubemos por intermédio de colegas que sua conceituada EDITORA tem colaborado com outras escolas doando um vasto e valioso material didático. A nossa Escola é de 2º Grau, foi inaugurada em março deste ano. Estamos em fase de organização da Biblioteca e não dispomos de nenhum recurso [...] <sup>14</sup>.

A leitura dessas correspondências mostra que, seja pela indicação de um colega, seja porque o professor já havia utilizado o livro em outros anos ou em outras séries escolares, a escolha de determinados livros era feita com base na confiança adquirida a partir de aulas que “funcionavam” e nas quais os alunos aprendiam. A professora “Tiana”, por exemplo, não economizou elogios ao solicitar os cartazes da obra *Minha Abelhinha*:

[...] há dois anos que aplicamos este método e obtivemos ótimos resultados. Eu no ano passado fui professora de alunos com 4 e 5 anos de repetência com uma classe de 35 alunos e consegui 32 promoções de crianças que sabem ler bem. Vocês estão de parabéns por ter bolado este material [...] <sup>15</sup>.

No segundo conjunto de correspondências, nas quais os professores faziam alguma menção sobre o uso dos livros, 105 deixaram claro que os utilizariam para preparar aulas ou consultar as respostas aos exercícios no manual do professor. Liana, por exemplo,

---

<sup>12</sup> Carta da professora Lina, Barra do Piraí – RJ, março de 1980.

<sup>13</sup> Carta da professora Ana, Macaé – RJ, fevereiro de 1979.

<sup>14</sup> Carta da diretora de escola Sandra, Santa Maria – RS, 27/08/1979.

<sup>15</sup> Carta da professora “Tiana”, Vasante – MG, 15/2/78.

queria adquirir o livro do professor para orientar-se melhor<sup>16</sup> e a professora Regina, por sua vez, acreditava que, com o manual do professor, “teria mais tempo disponível para outras aulas...”;<sup>17</sup> 15 professores usariam os livros para atividades em grupo, aulas de recuperação ou apenas para os alunos resolverem exercícios; 3 faziam uso em aulas particulares; outros 3 em aulas preparatórias para o vestibular; 3 solicitaram livros para ofertar como brindes na quermesse da escola e 18 pediram doações para a formar bibliotecas escolares.

Os números parecem confirmar uma constatação que outras pesquisas já apontam: o livro didático está quase sempre presente nas aulas, seja no uso com os alunos, seja no preparo das aulas (Cf. Bittencourt, 1993 e BRASIL, 1998). Há situações que indicam, inclusive, o uso indireto do livro didático, como revela a correspondência da professora Lúcia: “... não adoto um livro, faço resumos para meus alunos. Assim, além do que estou pedindo aceito qualquer um”<sup>18</sup>.

No tocante à utilização do livro didático no preparo das aulas, cabe tecer algumas considerações. À primeira vista, a afirmação de que o livro didático era utilizado no preparo das aulas (principalmente o manual do professor com respostas aos exercícios propostos) pode gerar a impressão de um eventual despreparo por parte do professores. Todavia, a leitura das cartas do acervo revela também outra realidade, uma vez que os professores se mostraram preocupados com suas aulas, com “repostas certas”, com “um melhor manejo da classe”<sup>19</sup> e em “utilizar adequadamente” o livro adotado pela escola<sup>20</sup>. A partir das correspondências analisadas é possível observar, ainda, professores realizando “pesquisa pessoal”<sup>21</sup> e também aqueles desejosos, por que não, de alguma facilidade no seu árduo trabalho, como no caso da professora Maria Helena: “[os livros solicitados] muito me auxiliam nos meus afazeres escolares e muito me ajudam na transmissão para os alunos.”<sup>22</sup> ou que tornavam o “trabalho mais rendoso”, considerando-se que, para alguns, como é o caso da professora Aimée “o tempo de planejamento” era “bem curto”<sup>23</sup>.

Seja como for, objetivando facilitar o próprio trabalho ou com finalidades exclusivamente didáticas, por trás de cada um desses pedidos havia, quase sempre, uma

<sup>16</sup> Carta da professora Liana, Barra do Pirai – RJ, 29/03/1978.

<sup>17</sup> Carta da professora Regina, Juiz de Fora - MG, 10/1978.

<sup>18</sup> Carta da professora Lúcia, Três Rios, 19/02/1979.

<sup>19</sup> Carta da professora Silési, Boa Ventura - RJ, 14/4/1980.

<sup>20</sup> Carta da professora Clalis, S. Gonçalo - RJ, 25/04/1978.

<sup>21</sup> Carta da professora Sueli, Macaé, RJ, 3/5/1979.

<sup>22</sup> Carta da professora Maria, Angra dos Reis – RJ, 17/03/1978.

<sup>23</sup> Carta da professora Aimée, Santanésia – RJ, 10/03/1978.

preocupação de que a aula funcionasse, caso contrário esses professores poderiam ter se resignado com a falta de materiais didáticos, a inexistência de livrarias nas suas cidades e a ausência de uma política do governo voltada ao fornecimento de livros didáticos. No entanto, esses profissionais buscaram novos recursos didáticos para suas aulas, como exemplificam, respectivamente, as cartas das professoras Maria Selite, Eliana e Rosane:

[...] sou professora de Português e de Educação Artística e adoro conhecer livros novos, atividades mais modernas, práticas [...] <sup>24</sup>.

[...] necessitando estar constantemente atualizada em Métodos de Ensino e Materiais Didáticos [...] <sup>25</sup>.

[...] Tão modernos livros que muito me auxiliarão na aplicação das novas metodologias do ensino [...] <sup>26</sup>.

Outro indicativo da preocupação de alguns professores quanto ao aprendizado e ao acesso de seus alunos a novos materiais pedagógicos pode ser inferido pelo fato de que as limitações econômicas dos alunos não impediram que esses profissionais tentassem novas leituras em sala de aula. Nesses casos, os professores solicitavam descontos à editora, compravam grandes quantidades e organizavam rifas, como procurou fazer a professora Marialva:

[...] Quero saber se há possibilidade de adquirir estes livros para os meus alunos, porque é muito difícil encontrá-los nas cidades vizinhas e solicitar um desconto bom para muitos livros, se ficar mais barato sem os livros de exercícios melhor ainda, pois a maioria dos alunos sente dificuldade em comprá-los por causa do preço altíssimo [...] <sup>27</sup>.

No mesmo sentido, alguns professores juntavam exemplares que recebiam como cortesia das editoras e os emprestavam aos seus alunos, formando, assim, uma espécie de biblioteca particular de sala de aula, como menciona a professora Maria Therezinha:

[...] em virtude da distância e das dificuldades encontradas quando da necessidade de pesquisas, estou tentando me equipar de livros com os quais poderei emprestar aos meus alunos quando necessário. Desejo

---

<sup>24</sup> Carta da professora Maria Selite – Três de Maio – RS, 13/04/1979.

<sup>25</sup> Carta da professora Eliana, Governador Portela – RJ, 27/02/1978.

<sup>26</sup> Carta da professora Rosane, Santo Antônio de Pádua – RJ, 20/02/1978.

<sup>27</sup> Carta da professora Marinalva, Astolfo Dutra – MG, 10/09/1979.

também adotar livros mais atuais e mais modernos, por isso preciso da vossa cooperação [...]”<sup>28</sup>.

Algumas dessas correspondências revelam também o desejo de mudanças nos livros adotados. É o caso de três professores, de diferentes regiões do país, que não planejavam suas aulas a partir do livro didático, mas buscavam adequar os livros às suas aulas. Dona Delcira, por exemplo, sugere livros com folhas destacáveis, de modo a permitir que ela pudesse organizar as aulas na ordem que achasse adequada:

Ouso fazer uma sugestão: porque não editam livro de texto para o aluno no qual as páginas sejam destacáveis para que o texto não seja conhecido, uma vez que a novidade sempre desperta mais o interesse da turma? Caberia ao professor distribuir essas páginas que o estudante iria reunindo, bem como os exercícios e as interpretações, até completar o volume. Muito grata<sup>29</sup>.

Sem dúvida esses professores queriam melhorar suas aulas e que seus alunos aprendessem, como parece ficar evidente na carta da professora Maria Francisca:

[...] o livro adotado foi Estudos Sociais do Jorge G. Brito o qual gostei muito, pois, ele é um livro que força o aluno a estudar e pesquisar, pretendo continuar com o mesmo este ano [...]”<sup>30</sup>.

Essa característica de “fazer com que o aluno estude” parece ter sido um dos indicadores de que o livro funcionava e, quando semelhante livro era encontrado, para alguns professores estabelecia-se uma relação de fidelidade com a obra, como no exemplo a seguir: “estivemos com o Benemann, da Ática, durante quatro anos, mas com o Cegalla bastante atualizado, lutei até conseguir que nossa equipe o aceitasse novamente”<sup>31</sup>.

Os dados apresentados aqui, conforme mencionado anteriormente, não permitem generalizações sobre livros didáticos ou sobre professores, mas deixam pistas sobre o uso desse material didático e opiniões de alguns professores sobre livros didáticos em um momento em que esse material figurava como elemento central das práticas escolares<sup>32</sup>. A professora Maria José, por exemplo, sintetiza a presença do livro didático na sua aula da

---

<sup>28</sup> Carta da professora Maria Therezinha – Casimiro de Abreu – RJ, 16/10/1979.

<sup>29</sup> Carta da professora Delcira, Santa Vitória do Palmar – RS, 04/10/1971.

<sup>30</sup> Carta da professora Maria Francisca, S.João do Paraíso – MA, 06/3/1978.

<sup>31</sup> Carta da professora Nilda, Ubá – MG, 14/02/1978.

<sup>32</sup> Tomo como referência a definição de cultura escolar de Dominique Julia como “um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos” (Julia, 2001, p.9).

seguinte maneira: “... é um livro excelente e os alunos já começaram a fazer dele um companheiro diário”<sup>33</sup>. A personificação do livro didático, na visão da professora, não é apenas linguagem figurada: trata-se, efetivamente, de um “companheiro” interferindo na produção do conhecimento na sala de aula.

Escolher e definir o uso do livro didático faz parte da disputa pelo controle do conhecimento produzido na sala de aula. Em um período no qual as autoridades públicas tinham uma visão tecnicista da educação, ainda era o professor quem decidia qual o livro que apresentava “melhor aceitação” por parte dos alunos, respaldava a escolha de um outro colega que tivesse obtido “bons resultados” e procurava escolher um livro que pudesse ser alterado ao sabor de seu plano de aulas. Enfim, o professor era o profissional que avaliava se o material didático “funcionava” ou não com sua turma.

Talvez essas questões possam nos inspirar para um debate sobre a produção do conhecimento na escola. Vivemos numa época em que, de um lado, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação define que as escolas devem ter autonomia em suas propostas pedagógicas e que as mesmas sejam elaboradas com a participação dos professores; de outro lado, assistimos secretarias de educação, como a do Estado de São Paulo, insistindo em enviar livros didáticos que, na maioria das vezes, não corresponde à primeira opção dos professores<sup>34</sup> e secretarias municipais contratando sistemas apostilados de ensino, sem opção para o professor escolher o livro didático nem a forma de utilizá-lo. Estou convencido de que a escolha do livro didático não deve competir a secretários de educação nem envolver sistemas apostilados de ensino, mas ser uma discussão da escola, contando inclusive com a participação daqueles que também determinam, de forma indireta, qual o livro que funciona: os alunos. Afinal, como alerta Julia (2001): “O manual escolar não é nada sem o *uso* que dele for realmente feito, tanto pelo aluno como pelo professor”.

Nesse sentido, gostaria de encerrar este trabalho reproduzindo uma carta escrita por alunos, encontrada, por acaso, em meio aos pedidos de livros de professores:

“Somos alunos de 3ª e 4ª séries de uma pequena escola rural do município de São Pedro do Turvo, no estado de São Paulo. Temos em nossa escola, uma pequena biblioteca com alguns livrinhos de estórias, recortes de revistas e jornaizinhos. Mas enjoamos de ler esses, porque já sabemos de cor as estórias. A nossa professora sempre traz livros da biblioteca da cidade para a gente ler. Como os livros custam muito caro e não podemos

---

<sup>33</sup> Trecho da carta da professora Maria José, Três Rios – RJ, 03/04/1978.

<sup>34</sup> Cf. Cassiano, 2003.

comprar, estamos escrevendo para todas as editoras para pedir um livro de estórias para a nossa biblioteca. Se o senhor puder mandar um, ficaremos muito contentes. Um beijo de todos nós” (Josoel, Izaura, Roseli Aparecida, Márcia, Mário, Cidinha, Sebastião, Marcilio, Roseli Raquel, Maria do Carmo, São Pedro do Turvo – SP, 04/08/1978).

## BIBLIOGRAFIA

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Livro didático e conhecimento histórico: uma história do saber escolar*. São Paulo. Tese (Doutorado em História) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1993.

CASSIANO, C. C. F. Circulação do livro didático: entre a produção e a seleção na escola. (Dissertação). São Paulo: PUC, 2003.

GINZBURG, C. *Mitos, emblemas, sinais – morfologia e história*. Trad. Frederico Carotti, 2ª reimpressão, São Paulo, Companhia das Letras, 1991.

JULIA, Dominique. “A cultura escola como objeto histórico”. *Revista Brasileira de História da Educação*. Campinas: SBHE/Ed. Autores Associados, nº1, p.9-44, jan/jun. 2001.